

Ciúme: a ^o GLOBO 17 JAN 1993 inveja do amor

JOSÉ SARNEY

O país ainda está em comoção pelo crime do ator Guilherme de Pádua, que matou a atriz Daniella. A trágica história tem um componente singular, que é a mistura da ficção com a realidade e da realidade com a ficção real, concreta, no caso a novela, cujo título é "De corpo e alma".

Quando a escritora Glória Perez deu-lhe esse título, jamais poderia imaginar que iria ser tão precisa no desenlace da verdadeira trama que saiu do texto e foi para os fatos. Todo o crime está, mais que a novela, emaranhado no Corpo e na Alma. Porque os amores de novelas são mais do corpo do que da alma. É um amor de brincadeira, de fingimento, feito para comover as outras pessoas, jogo de formas e aparências, palavras enfeitadas e furta-cores, feitas para os que assistem e não para aqueles que vivem e representam os papéis.

O teatro é a arte mais antiga do homem. Quando Deus resolveu criar o homem, criou primeiro o cenário, esmerou-se nos efeitos de luz e sombra, nas cores. E entraram em cena o homem e a mulher, esta nascida de uma costela. Colocou a serpente que não era serpente, mas a tentação, e a maçã, que não era fruta, mas o pecado. E em seguida, terminado o primeiro ato com a expulsão do Paraíso, mostrou a profunda maldade que ia governar o coração dos homens e fez Caim matar o seu irmão Abel, pelo torpe motivo da inveja, a motivação do primeiro homicídio.

Com o instrumento do tempo, uma invenção mais dos homens do que do Criador, ficou cada vez mais difícil a separação e a compreensão do que é real e do que é imaginado. Vejam-se os sonhos.

Todo mundo diz que o sonho é a irrealidade maior de todas. Porque o que se imagina é sempre um ato de consciência, um desejo de criar, quando os artistas elaboram formas e cores, e os escritores de ficção constroem pseudofatos que são governados pela imaginação. Já no sonho, não. O sonho é uma irrealidade da qual não participamos. Ele vem quando estamos sem consciência e o devaneio governa a si mesmo.

No entanto, o nosso sempre lembrado Jorge Luís Borges, que tanto tratou dos sonhos e miragens, dizia que nada era mais eterno e real do que o sonho. Que podíamos modificar tudo, menos os sonhos e, quando se sonhava de novo, era outro sonho.

E velha a pendenga de que a realidade imita a ficção, o que é de estranhar-se porque foge à lei natural das coisas, apesar do fato de a ficção imitar a realidade nada ter de espantar, porque, no fundo, é copiar, e isto, se não é fácil, é pelo menos possível.

O assassinato de Daniella aguça a imaginação dos ficcionistas,

porque dá margem a especulações até onde esse Guilherme matou Daniella ou o personagem Yasmin. Pelo menos, numa arte a realidade jamais pode imitar a ficção: é a pintura. Nenhum sol pode ser igual ao sol de Van Gogh nem a seus girassóis. Por isso ele é Van Gogh e é eterno.

Já Guilherme pode imitar Bira e até vivê-lo na crueldade. Ele não podia matar a namorada na novela, porque era novela, mas matou-a, sem ser namorada, na crueldade da vida real. Essa história é mais trágica ainda para Glória Perez. Ela sofreu duas dores. Uma *la douleur éternelle*, como dizia Malherbe a Perrier, consolando-o pela morte de sua filha; a outra, do assassinato de sua criação, outra filha, essa Yasmin que, julgando fugir do infortúnio num rompimento de amor, caiu na tragédia do rompimento da vida.

Eu tive um amigo, Erasmo Dias, do Maranhão, que escreveu um conto, "O roubo dos personagens". Não me recordo como terminou. Lembro apenas o que aconteceu com ele, quando escrevia: procurava um personagem; já colocado no texto, e este tinha sido roubado. A história não podia se completar, porque, dentro da história, outro mistério existia, que se misturava à obra da criação, e ele não sabia mais se era o Diabo ou se era um ladrão de seus personagens.

Já Pirandello inventava o contrário. Eram personagens na procura de autor ou fugindo deste. Há sempre um relacionamento conflituoso entre autor e criaturas.

Todos estão chocados com a violência, a brutal morte dessa Daniella que Deus levou "nos doces anos". Ninguém verá a face de sua velhice, nem as rugas do tempo. Sempre será bela e sofrida nos seus olhos de menina.

Esse Guilherme pensou que matava Yasmin e matou Daniella; e Paula, essa terrível Adrastéia, possuída dos infernos do ódio e do ciúme, que é a inveja do outro amor, pensava que estava matando Daniella e matou Yasmin.

Yasmin, que era sombra, morreu, mas Daniella que era corpo, virou alma, símbolo da brutalidade e da incompreensível mente humana, que o nosso Glauber Rocha retratava na possessão de Deus e do Diabo.

José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras e senador pelo Amapá.

